

## A INFLUÊNCIA DA VULNERABILIDADE AO ESTRESSE EM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE CATALÃO

### THE INFLUENCE OF VULNERABILITY TO STRESS IN PUBLIC CATALÃO NETWORK TEACHERS

Lucas Augusto de Carvalho Ribeiro<sup>1</sup>  
Adriana Santos Prado Sadoyama<sup>2</sup>  
Geraldo Sadoyama Leal<sup>3</sup>

53

**Resumo:** Este trabalho teve por objetivo a realização de uma análise dos fatores que influenciam a vulnerabilidade ao estresse em professores da rede pública em Catalão – Goiás. Para isso, foi utilizado o instrumento EVENT - Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho e da Análise de conteúdo de Bardin em 95 professores da Rede Pública de Ensino de Catalão - Goiás. Os resultados demonstraram que os professores do município de Catalão possuem vulnerabilidade médio inferior ao estresse, registrando maior necessidade de atenção ao fator 3, correspondente a: Infraestrutura e Rotina. Espera-se com esse estudo melhorar a visibilidade das condições de trabalho da profissão docente.

**Palavras-chave:** Vulnerabilidade. Estresse. Professores.

**Abstract:** This work aimed to carry out an analysis of the factors that influence the vulnerability to stress in public school teachers in Catalão - Goiás. For this, the instrument EVENT - Vulnerability to Stress at Work Scale and Content Analysis of Bardin in 95 teachers from the Public Teaching Network of Catalão - Goiás. The results showed that teachers in the municipality of Catalão have an average vulnerability lower than stress, registering a greater need for attention to factor 3, corresponding to: Infrastructure and Routine. This study is expected to improve the visibility of the working conditions of the teaching profession.

<sup>1</sup> Psicólogo pela UFG, especialista em Teorias e Técnicas Psicanalíticas pela UFG, mestrando no programa do Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da Universidade Federal de Catalão.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Professora efetiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão, Professora no programa do Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da Universidade Federal de Catalão. E-mail: drisadoyama@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Imunologia e Parasitologia aplicadas pela Universidade Federal de Uberlândia, Professor do departamento de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Catalão, Professor no programa do Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da Universidade Federal de Catalão.

Recebido em: 28/03/2020

Aprovado em 22/05/2020

**Keywords:** Vulnerability. Stress. Teachers.

## 1 INTRODUÇÃO

Você já se questionou sobre a sua satisfação para com o seu trabalho? Se sente satisfação ou insatisfação? Se é feliz ou não com a profissão escolhida? Dubar (2012) contextualiza que está ocorrendo uma mudança na situação de enlaçamento das pessoas para com o trabalho. Muitas delas, segundo o autor, apresentam satisfação em aspectos não-ocupacionais: na família, nos amigos, nos momentos de lazer, entretenimento, entre outros.

Sociólogos, de uma maneira geral, questionam-se se somos o que fazemos ou se fazemos algo pelo que somos. A resposta para essa pergunta, um tanto quanto filosófica nos convida a olhar a representatividade de nossas escolhas, como por exemplo, o que nos aproxima de uma determinada função? (DUBAR, 2012).

Historicamente, o conceito de profissão no início dos anos 1960, relacionava-se com um pensamento funcionalista que foi invadindo o campo dos diálogos sociais. O novo termo apresentado seria: “profissionalização”, principalmente no que tange a gestão e as organizações. Os países mais industrializados, adotaram a nomenclatura para designar alguém apto e com conhecimento intelectual a altura, plausível, suficientemente potente (DUBAR, 2012).

Esse tipo de pensamento parecia ter ficado para trás na evolução da sociedade, contudo, dados atuais da França remontam que a busca por “bons empregos” (viés de profissionalização que remonta à sucesso financeiro) está em alta entre os jovens, sendo dois terços de uma faixa etária ingressando no ensino superior, sendo que desses jovens, apenas 40% chegam a concluir os cursos e adquirir diplomação (DUBAR, 2012). Quer se dizer com isso que é necessário, de acordo com Dubar (2012), educar as crianças para que escolham profissões a que lhes tragam prazer, vinculação, identificação, retorno financeiro e saúde. Tendo a saúde principal importância nessa discussão.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 1946) trouxe na década de 1940, o conceito de saúde como: “um completo bem-estar físico, mental e social e não como ausência de doença”. Observa-se há que muito tempo se exige das pessoas uma condição de saúde perfeita.

Essa posição da OMS (Organização Mundial de Saúde) passou a ser contestada com o passar dos anos, por exigir uma condição perfeita de saúde.

Dessa maneira, iniciou-se a partir dessas indagações de que definir a perfeição seria uma tarefa difícil, complexa, individual e impossibilitada de ser categorizada. Os indivíduos definem o que é bom para si a partir do seu próprio sistema de crenças e construções ambientais do que lhe causa o “bem” e o “mal”. Estar vulnerável ao mal-estar (SEGRE E FERRAZ, 1997).

Para Costa e Bernardes (2012), a saúde tem se tornado epistemologicamente um conceito complexo para definir-se. Para os autores, a saúde não é objeto reduzido, mas sim, ontologia. Dessa forma, o conceito de saúde invade todas as perspectivas da história de vida de um indivíduo. Seu organismo, seu corpo, sua subjetividade, por conseguinte, os ambientes que o mesmo frequenta: sua família, sua profissão, seu local de trabalho, relacionamentos, entre outros (COSTA E BERNARDES, 2012).

Optou-se por considerar como base nesse trabalho a ideia de que a saúde se define no contexto histórico da sociedade e em seu processo de desenvolvimento, abarcando as condições de alimentação, educação, renda, ambiente, trabalho, emprego, habitação, lazer, liberdade e acesso a serviços de saúde (SIQUEIRA E MORAES, 2009).

Assim, no reconhecimento de que a saúde não é objeto, mas sim ontogênese, torna-se importante relacionar o conceito de saúde com o reconhecimento dos processos de adoecimento. Esses processos colocam os indivíduos na condição daquilo que se denomina vulnerabilidade.

Por definição etimológica, os vocábulos em latim ditam que *vulnerare* corresponde a ferir, lesar, prejudicar e *billis* como suscetível, formando o conceito de vulnerabilidade (CARMO E GUIZARDI, 2018). Com o avançar do tempo o termo vulnerabilidade foi utilizado para representar conflitos ligados a diferenças socioeconômicas causadas por impactos ambientais. A partir de então, a associação do termo vulnerabilidade com políticas sociais correlacionadas a risco foram sendo utilizadas. (CARMO E GUIZARDI, 2018).

Considera-se que em situações vulneráveis de trabalho, possíveis quadros de adoecimento possam surgir, como por exemplo, o estresse (BRUSEKE, 2006). A definição de estresse se apresenta de maneira complexa na história da civilização e sofreu mudanças nesses estudos ao longo do tempo. Inicialmente visto enquanto resposta meramente fisiológica, o

estresse passou a simbolizar questões emocionais quando relacionado ao dia a dia dos indivíduos (SILVA, GOULART E GUIDO, 2018).

Somente a partir dos anos 1980 houve um aumento importante do número de publicações sobre o estresse e trabalho. Ao lado disso, o próprio “estresse” também passou a ser bastante utilizado por profissionais de saúde e, pela população em geral, sendo seu uso frequente, inclusive na grande mídia (SISTO et al, 2016).

Entendendo que a gestão organizacional pode vir a afetar o desempenho de funcionários em possíveis associações com o estresse, se deu o interesse por essa pesquisa. Assim, buscou-se um agente profissional que corriqueiramente aparece, através da mídia, como relacionada a um determinado tipo de estresse: o professor. Assim, a presente pesquisa irá relacionar os estudos de estresse com o trabalho de professores em redes públicas de ensino.

Ao se pensar no trabalho de um professor da rede pública torna-se relevante pensar as condições de saúde mental e física desse profissional, abrindo diálogo para a compreensão de sua formação docente. (SANTOS E BARROS, 2011).

Em reflexão sobre esses possíveis problemas que surgem no cotidiano profissional de um professor, encontram-se, a partir de McShane e Glinow (2014), as possibilidades de surgimento de estresse em situações organizacionais. Considera-se importante o desenvolvimento de estudos que relacionem a educação, gestão organizacional e estresse para a ampliação de possíveis conceitos e compreensões acerca do trabalho do professor. A aplicabilidade do estudo poderá resultar em indicadores que auxiliem professores a perceberem quando o estresse está afetando sua prática profissional no campo laboral.

Objetivou-se nessa pesquisa realizar uma análise dos fatores que possam influenciar a vulnerabilidade ao estresse em professores da rede pública em Catalão – Goiás, identificando aspectos que possivelmente causam a vulnerabilidade ao estresse em professores que estão em situação ativa de trabalho e definindo indicadores para verificação da vulnerabilidade ao estresse em professores da rede.

## 2. MÉTODO

Participaram dessa pesquisa 95 sujeitos em situação de gozo de concurso público na rede pública municipal e estadual de educação do município de Catalão. A adesão a esta

pesquisa foi livre e voluntária. Levando em consideração o número de escolas, o censo do IBGE aponta a existência de: 38 unidades de ensino infantil, 48 de ensino fundamental e 18 de ensino médio.

A pesquisa se deu entre os meses de fevereiro a novembro de 2019, contendo visitas a 6 unidades escolares da Rede Estadual de Educação e 5 da Rede Municipal de Educação, com um total de 11 unidades visitadas. As entrevistas e aplicações do instrumento se deram de maneira individual, sem interferências externas e dentro de espaços reservados fornecidos pela unidade escolar. A aplicação teve por média em torno de 15 a 20 minutos por participante.

Optou-se pela aplicação de um questionário sócio demográfico, e a aplicação da Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT)) de autoria de Sisto, Baptista, Noronha e Santos (2008) para análise da incidência dos principais fatores causadores da vulnerabilidade ao estresse nos professores da rede pública de Catalão - Goiás.

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, o presente projeto obteve aprovação do Comitê de Ética. Foi utilizado na pesquisa um questionário sócio demográfico de identificação com os seguintes dados: idade, gênero, estado civil, escolaridade, tempo na profissão, tempo na função, cargo, área que ministra disciplina. O questionário utilizado foi adaptado a partir do trabalho de OSWALDO, Y. C. (2009).

A partir do instrumento utilizado, obteve-se alguns dados de ordem qualitativa: opiniões pessoais, visões subjetivas, a partir das repostas as seguintes perguntas: 1) O que é estresse?; 2) Você se sente estressado e 3) Você consegue perceber quais são os motivos que levam ao estresse?

A análise dos dados da abordagem qualitativa foi possibilitada através da análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2007), ao se fazer uma análise de conteúdo, se registra nos processos de comunicação falados ou escritos a possibilidade de descrever inferências fundamentadas nos indicadores encontrados. Esse procedimento possui um procedimento sistemático, sendo: *a*): a etapa da pré-análise; *b*): a etapa da exploração do material, e por última; *c*): a etapa de classificação e categorização dos dados em identificadores ou categorias (BARDIN, 2007). Após a aplicação do questionário, o participante foi convidado a responder o instrumento de ordem quantitativa, denominado EVENT (Escala de Vulnerabilidade ao Estresse do Trabalho)

A EVENT é uma escala composta por 40 itens relacionados a situações geradoras do estresse. Trata-se de uma escala do tipo *Likert* com opções de intensidade que são de “nunca” (0), “às vezes” (1), “frequentemente” (2). A pontuação mínima é 0 e a máxima, 80 (BAPTISTA, SOUZA & ALVES, 2008). A escala é dividida em fatores, a saber: Fator 1 corresponde ao Clima e Funcionamento Organizacional, composto por 16 itens.

O Clima e Funcionamento Organizacional correspondem ao ambiente de trabalho e aspectos da função como, salário inadequado, plano de cargos e salários, plano de carreira e relacionamento com a chefia. O Fator 2 corresponde à Pressão no Trabalho e é composto por 13 itens. A pressão no trabalho está relacionada ao fazer o trabalho do outro, novas obrigações, falta de solidariedade e outros. O Fator 3 corresponde à Infraestrutura e Rotina composto por 11 itens (BAPTISTA, SOUZA & ALVES, 2008). Após analisados, os dados serviram de base para a apresentação dos resultados que seguem a partir de então.

### 3. RESULTADOS

A população do estudo constou de 95 professores. Um pouco mais da metade (52,6%) dos funcionários são da rede estadual, do sexo feminino (78,9%), solteiros (22,1%), com pós-graduação (76,9%), apresentam a função de professores (79%) e apresentam um nível de estresse inferior (32,6%). Têm uma média de idade de 41,4 anos, com uma jornada média diária/semanal de 25,38 horas, a média do percentil de estresse e da pontuação foi médio inferior, sendo que a pontuação geral do instrumento variou de 1 a 68 pontos e o tempo de experiência na função e na escola onde aplicou-se o instrumento foi cerca de 12 anos.

Quando avaliamos a associação entre o nível de estresse e as características sociodemográficas da amostra através do teste de qui-quadrado, observa-se que apenas o Estado Civil ( $p = 0,008$ ), Tempo na Instituição ( $p = 0,041$ ) e Jornada Diária/Semanal ( $p = 0,004$ ) apresentaram associação estatisticamente significativa.

Nos fatores do instrumento EVENT, a citar Clima e Funcionamento Organizacional (Fator 1), Pressão no Trabalho (Fator 2) e Infraestrutura e Rotina (Fator 3), os participantes apresentaram níveis equivalentes, exceto para o Fator 3. Para os dois primeiros fatores observou-se maior frequência de nível inferior de estresse de 43,2% e 34,7%, respectivamente,

contudo para o fator referente a infraestrutura e rotina foi encontrado um nível superior de estresse com uma frequência de 33,7%..

Pelo teste qui-quadrado, este estudo relata que houve diferenças significativas com o Fator 1 (Clima e Funcionamento Organizacional) a Jornada Diária/Semanal ( $p = 0,01$ ); com o Fator 2 (Pressão no Trabalho) a Função ( $p = 0,028$ ); e com o Fator 3 (Infraestrutura e Rotina) a Idade ( $p = 0,002$ ) e a Formação ( $p < 0,001$ ). Essa constatação sugere que a vulnerabilidade ao estresse pode estar presente no sujeito, dependentemente de sua jornada de trabalho, função exercida no ambiente escolar, idade e formação acadêmica.

Fatores relacionados a dobrar jornadas, doenças ou acidentes, equipamento precário, e outros, relacionam com a idade, quanto mais velho, maior o nível de estresse relativo a infraestrutura e rotina, e a formação acadêmica, pois dependendo do curso de graduação, mais o profissional se relaciona com essas estruturas e maior é o seu nível de estresse, sendo que foi observado que a maioria dos indivíduos (12 respondentes) que apresentaram nível de estresse superior tinham como formação acadêmica o curso de Pedagogia.

A EVENT mensura a vulnerabilidade do sujeito aos eventos estressores no trabalho, em razão disso, verificou-se se há diferenças de médias, através do teste T de Student, quando categorizado os fatores em 2 grupos, a saber, baixo estresse, o qual é constituído da classificação de inferior a médio inferior e de alto estresse que vai de médio a superior o nível de estresse. Observou-se que existe diferença estatística significante entre as médias do nível de estresse ( $p < 0,001$ ), esse dado sugere que o instrumento se mostrou sensível em diferenciar sujeitos que estão mais estressados daqueles que estão menos. Essa distribuição apresentou uma mediana de 33%, que corresponde a 4,2% da amostra e uma moda de 27%, equivalente a 6,3% dos respondentes, produzindo uma assimetria, que confirma a tendência do nível de estresse de ter uma pontuação mais baixa. A pontuação mínima e máxima foi de 1% a 99%, quase alcançando toda extensão possível da escala.

Considerando os objetivos do presente estudo, ponderou-se os resultados em relação ao tipo de rede escolar da amostra, tendo em vista a não homogeneidade no número de respondentes que compõem cada uma das redes. Para a Rede Pública Estadual foi encontrado uma maior frequência de estresse nos níveis inferior e médio inferior com 28% da amostra, para a Rede Municipal o nível de estresse que apresentou maior frequência, correspondendo a 37,8%

dos respondentes foi o inferior. Em relação a correlação, não foi encontrado nenhuma diferença estatística significante ( $p = 0,378$ ).

Para ambas as redes públicas de ensino: Estadual e Municipal, referente ao Fator 1, foi encontrado uma maior frequência de estresse no nível inferior, que corresponde a 36% e 51,1% da amostra, respectivamente. Em relação a correlação, não foi encontrado nenhuma diferença estatística significante ( $p = 0,517$ ).

Para a Rede Estadual, quanto ao Fator 2, foi encontrado uma maior frequência de estresse no nível inferior, que corresponde a 32% da amostra, para a Rede Municipal os níveis de estresse que apresentaram maior frequência foram inferior e médio inferior, correspondendo a 37,8% dos respondentes. Em relação a correlação, não foi encontrado nenhuma diferença estatística significante ( $p = 0,151$ ).

Para a rede Estadual e Municipal, quanto ao Fator 3, foi encontrado uma maior frequência de estresse no nível superior, correspondendo a 38% e 28,9% da amostra. Em termos de correlação, não foi encontrado nenhuma diferença estatística significante ( $p = 0,703$ ).

Para a realização da entrevista, perguntou-se para os participantes: 1) Na sua opinião, o que é estresse? 2) Você se sente estressado? 3) Se sim, consegue perceber as razões que causam o estresse?

Os resultados das falas dos participantes, após coletadas foram transcritas e subdivididas, de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2011) para sua análise a posteriori.

Assim, no que se refere a Pergunta 1: “O que é estresse?” a maior parte dos participantes (48,4%), responderam que compreendem o estresse enquanto um cansaço excessivo, enquanto 35,8% dos participantes responderam que veem a definição de estresse a partir de sobrecarga de trabalho e desgaste emocional. Com relação a pergunta 2: “Você se sente estressado?” Foi possível perceber que 51,6% dos participantes se veem estressados, enquanto 34% relatam sentirem estresse as vezes, sendo que 13,7% dos entrevistados relatam não sentirem estresse.

Sobre a pergunta 3: “Quais motivos que causam o estresse? ”, foi necessário o agrupamento por proximidades de respostas nas seguintes subcategorias: Ansiedade e preocupação (8,4%), desequilíbrio físico e psicológico (11,6%), desgaste em relacionamentos (4,2%), excesso de trabalho (35,8%), falta de organização e planejamento (2,1%), não se sentir estressado (6,3%), rotina cansativa (6,3%), sem definição de causa (17,9%) e respostas variadas (7,4%). Evidenciou-se uma maior ocorrência de queixa a respeito do excesso de trabalho (quase

36%), seguido por uma indefinição de causas (18%) e por um desequilíbrio físico e psicológico (12%).

### 3. DISCUSSÃO

A rede pública de professores de Catalão apresenta nível inferior a vulnerabilidade ao estresse. Tornou-se possível perceber que o Fator 3, correspondente a Infraestrutura e Rotina, apresentou maior frequência com relação aos demais fatores 1 e 2, que correspondem ao Clima Organizacional e a Pressão no trabalho.

O resultado da pesquisa com os professores da Rede Pública de Catalão vai de encontro com a literatura, como aponta um estudo de Carlotto et al (2019) realizado com 376 professores de escolas de rede pública em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, na qual cita-se como fator relevante no abandono da profissão escolar a falta de recursos materiais e a dificuldade de adaptação as inúmeras demandas apontadas no cotidiano de uma escola.

Para Oliveira e Silva (2015), é comum perceber maiores incômodos entre professores das redes públicas referentes a condições de ambiente escolar no sistema público de ensino do que de professores que se encontram na rede privada, isso se dá, por questões voltadas a destinação de verbas públicas, que além da centralização, passam por questões burocráticas para fins de destinação.

Outro identificador que merece destaque quanto a significância é o tempo de jornada de trabalho diária/semanal. De acordo com Faria e Rachid (2015), o professor acumula tarefas destinadas a momentos extraclasse, o que afeta a possibilidade de inserção em momentos de lazer.

Um dos identificadores com significância do presente estudo encontra-se na quantidade de tempo na função, isso indica que quanto mais tempo o indivíduo possui no cargo, mais vulnerável a situação de estresse ele se encontra. De acordo com Oliveira e Silva (2015), o tempo prolongado na função pode fazer com que o sujeito não se identifique ou se reconheça mais, gerando um quadro de estranheza ou até mesmo de adoecimento.

Carvalho (2018) aponta que existe uma predominância de mulheres em todas as etapas da educação (desde a formação básica 90% até ao ensino médio, 69%). Esse dado está

mostrando que Catalão encontra-se coerente com dados gerais, sendo que a maior prevalência na profissão: 78% dos professores da Rede Pública do município, são do sexo feminino.

Contudo, a literatura aponta que, mesmo em situações de não significância, deve-se refletir sobre desigualdade ainda existente entre os sexos no mercado de trabalho, relacionado a cultura: referente as divisões de tarefas domésticas, acúmulo de papéis sociais destinados a figura feminina: mulher/esposa, mãe, professora (ZIBETTI E PEREIRA, 2010). De acordo com Zibetti e Pereira (2010) essa configuração ainda é sobreposta ao feminino, mesmo que partindo de um viés de tradição, isso venha se alterando com a responsabilização de homens também por tarefas domésticas e de responsabilidades fora do trabalho.

Atrelados aos dados citados acima, salienta-se que 12 respondentes dessa pesquisa, do sexo feminino, possuíram avaliação a nível de estresse superior e apresentavam formação no campo da Pedagogia. Pode-se destacar que em grande maioria dos casos, os professores que atuam com a pedagogia são modulados em turmas de ensino básico, sendo responsáveis por períodos longos de contato com os alunos (WEBER ET AL, 2015).

De acordo com Weber et al (2015), as etapas de ensino que estão envolvidas com a educação básica dependem de um maior envolvimento do professor com os alunos, visto que o período pela qual eles ficam em contato muitas vezes é integral, sendo, alunos que necessitam de atenção e cuidados muitas vezes fora do contexto da profissão docente.

Dessa forma, será necessária para fortalecer essa discussão, a apresentação da análise de conteúdo das informações fornecidas pelos participantes, coletadas no momento das entrevistas. Bardin (2011) desvela que todas as formas de se comunicar são relevantes para a análise de conteúdo, sendo que o pesquisador possui tarefa dupla em sua interpretação: compreender estruturas e características próprias dos modelos que compõem o discurso, atribuindo sentido e perceber as variações desse sentido, captando elementos nem sempre tão acessíveis.

Os estudos com relação à análise de conteúdo nas organizações têm sido de muito proveito, pois, o campo discursivo é interessante do ponto de vista das instituições e empresas. Uma das características que marcam o campo organizacional com a análise de conteúdo se encontra na possibilidade de radiografar focos de potenciais problemas para a organização, além de mapear pontos positivos de trabalho.

Os resultados encontrados nessa etapa estão distribuídos a partir das categorias 1, 2, 3 e 4, que serão apresentadas a seguir:

Quadro Categoria 1

1. CANSAÇO EXCESSIVO
<p>Definição: O estresse enquanto um cansaço excessivo, desgastante, envolvendo-se com a pressão exercida pela organização escolar.</p> <p>Verbalizações:</p> <p>P12: <i>Cansaço excessivo, baixa tolerância, percebo tristeza, sinto-me mais frustrado, não ser reconhecido, o aluno hoje não tem objetivo definido.</i></p> <p>P16: <i>O estresse é um cansaço mental que afeta o equilíbrio do corpo e da própria mente, é não se desligar do trabalho e dos problemas. Eu sinto as vezes, tenho preocupações do trabalho, muitas atividades para realizar na vida pessoal e profissional, falta de tempo.</i></p> <p>P20: <i>Vejo como uma resposta do nosso organismo a um evento de esforço extremo, geralmente ocorre quando se ameaçado ou sob pressão. Tenho as vezes estresse. Devido à falta de sono, excesso de trabalho e problemas de saúde.</i></p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

Deve-se perceber, a partir das verbalizações destacadas que os professores, em sua maioria na população de Catalão, associam o cansaço físico como fator de vulnerabilidade ao estresse. De acordo com Reis et al. (2006), o cansaço necessita ser compreendido como uma perda da capacidade potencial de um sujeito ao que tange ao corpo ou a mente, sendo que, em muitas das vezes, esse cansaço está vinculado a alienação no trabalho.

Diante dos discursos encontrados em sua variabilidade subjetiva com os professores da rede pública, foi possível perceber, a repetição da palavra “cansaço” ao serem questionados a respeito das visões pessoais sobre estar vulnerável ao estresse.

Quadro Categoria 2

2. O PROFESSOR VIVE COM SOBRECARGA DE TRABALHO E DESGASTE EMOCIONAL
<p>Definição: Entende-se nesse conceito uma perda das capacidades mentais e físicas dos indivíduos, visto que leva a situações de esgotamento e surgimento de quadros clínicos.</p> <p>Verbalizações:</p> <p>P9: <i>O estresse ao meu ver é uma reação do corpo, nos prepara uma ação, é como se sempre estivesse em um estado de prontidão.</i></p> <p>P13: <i>É uma resposta física do organismo, depende de algum estímulo, eu tenho as vezes, ligado também a ansiedade.</i></p> <p>P24: <i>É uma resposta física e emocional, que tem várias causas, trazem vários prejuízos ao organismo, eu me sinto assim as vezes, tenho muitas obrigações.</i></p> <p>P 32: <i>Eu sinto as alterações durante o dia e a noite, eu não consigo dormir, meu raciocínio fica alterado, meu dia é muito carregado. Eu sinto estresse as vezes.</i></p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

Para Tabeleão et. al. (2011), a saúde no trabalho deve ser considerada um ponto importante para verificação de órgãos governamentais, pois pode-se omitir uma necessidade de intervenção urgente para trabalhadores, principalmente relacionados a estabilidade do concurso público.

Ao que tange a professores, a autora mencionada relata que a relação do indivíduo com a saúde e a qualidade de vida (conceito empreendido como uma percepção do próprio sujeito sobre sua posição na vida, valores, cultura, padrão de expectativa) deve ser revisada, pois quando se há algum prejuízo na saúde física e mental do professor ocorre um efeito multiplicador na vida dos demais sujeitos envolvidos no resultado de seu próprio trabalho (TABELEÃO ET AL, 2011).

Quadro Categoria 3

3. A IMAGEM SOCIAL DO PROFESSOR E SEU ACÚMULO DE RESPONSABILIDADES
<p>Definição: a imagem do papel do professor advém do acúmulo de funções e do aumento de suas responsabilidades na relação escola – aluno – comunidade. Nota-se aumento de desgasta emocional relacionado a práticas e a política.</p> <p>Verbalizações:</p> <p>P5: <i>É engraçado, o professor sempre tem que se adequar as novas conjunturas. A política atual atrapalha o meu trabalho, são tantas atividades, eu tenho que ser mãe, professora (...), e eu tenho muitas situações de estresses, cobranças.</i></p> <p>P 17: <i>Hoje a relação com o aluno é muito desgastante, as famílias não têm mais responsabilidade e a escola está “pagando o pato”, está perigoso.</i></p> <p>P39: <i>Temos a cobrança por um trabalho que não é nosso. Não é do professor.</i></p> <p>P45: <i>Somos muito desvalorizados, temos que entrar até em problemas familiares.</i></p>

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Para Santos & Vidal (2017), com o decorrer do tempo, a função do professor passou por mudanças e atualmente está sendo ampliada a partir da intensificação de novas responsabilidades da escola. A projeção sobre os professores vem de encontro com o processo histórico de uma transformação social.

Pode-se afirmar que as mudanças na visão do professor são recentes, de acordo com Oliveira e Silva (2015), durante o processo de redemocratização da escola pública, as preocupações com o ensino no Brasil aumentaram, principalmente para a permanência do aluno na escola. Dessa forma, aliançou-se a escola com a comunidade, criando novas formas de se relacionar entre pais, mães, filhos/alunos, professores, coordenadores, diretores, e entre currículos e práticas pedagógicas.

Em concordância com o discurso apresentado pelos professores da rede municipal de Catalão, a literatura aponta que, os problemas relacionados ao papel do professor envolvem um voluntarismo que beira o exagero com questões familiares, violência, desrespeitos, desmotivações e desinteresses de alunos (SANTOS & VIDAL, 2017).

O dia a dia do professor foi repetitivamente mencionado a partir do discurso dos participantes, quando considerada a rotina dos profissionais. Conforme apresentado no quadro 4:

Quadro Categoria 4

4. ROTINA/JORNADA DE TRABALHO
Definição: Dia a dia do professor dentro da unidade escolar e sufocamento das demais áreas da vida do professor.
P56: <i>O dia a dia da escola me causa estresse.</i>
P57: <i>É uma correria estar na escola, não sobra mais tempo para nada.</i>
P61: <i>Não existe descanso, são muitas atividades.</i>
P66: <i>O ambiente profissional da escola é tão tumultuado, gera muito cansaço, excesso de trabalho, irrita.</i>
P90: <i>Não consigo conciliar nada, por N motivos, não tem como, afeta minha qualidade de vida.</i>

(Elaborado pelo autor, 2019)

O resultado da aplicação da EVENT com os professores de Catalão vai de encontro com o resultado do estudo de Bachion et al. (2005), pela qual realizaram um estudo para verificar a vulnerabilidade ao estresse em professores universitários da UFG no centro-oeste brasileiro, sendo 71 participantes e a maioria (76%) apresentou baixa vulnerabilidade ao estresse, 21,1% revelaram moderada vulnerabilidade e 2,8 % alta vulnerabilidade.

Os dados apontam que 51,6% dos professores se veem estressados, enquanto a média geral encontrada no instrumento de investigação se deu como: médio inferior. De acordo com Picado (2009) existem muitas variabilidades com relação a estudos que apontam possíveis gestões má-sucedidas, principalmente ao que se relaciona a campos trabalhistas que envolvem subjetividade.

Assim, justifica-se hipoteticamente o surgimento dos níveis inferior e médio inferior para os fatores relacionados com 1) Clima e Funcionamento Organizacional e 2) Pressão no trabalho, visto que os professores afirmam que a sobrecarga de trabalho é motivo que elenca o

aparecimento do estresse. Para Santos e Barros (2016) pode ser que conflitos de outras áreas da vida do indivíduo apareçam de forma simbiótica a queixa laboral e não sejam identificadas pelo mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Oliveira e Silva (2015), o adoecimento profissional, especialmente aos professores, vem crescendo no Brasil e as necessidades de intervenção se colocam frente a nação como ponto de atenção governamental.

A partir da pesquisa, foi possível constatar que a rede municipal e estadual apresenta nível de estresse inferior e médio inferior, sendo que o fator mais preocupante para o surgimento de situações de estresse foi o fator 3, que corresponde a rotina e a infraestrutura. Do ponto de vista discursivo, os professores em sua maioria, queixam e se veem estressados, conceituando o estresse como: um cansaço físico excessivo, sobrecarga de trabalho e desgaste emocional, a visão social do professor e suas responsabilidades e a rotina/jornada de trabalho.

Para Santos e Barros (2016), a rotina do professor, como apontado tanto no instrumento EVENT, como no campo discursivo dos professores, deve ser considerada enquanto fator de risco para surgimento de estresse e possíveis quadros de afastamentos de trabalho em Catalão.

Oliveira e Silva (2015) desvelam que a rotina e a infraestrutura podem colocar o professor a exposição de não preparo. Esse não preparo corresponde a situações que envolvem limites no ambiente escolar, fazendo com que se aumente sentimentos de desmotivação, angústia, estresse, irritabilidade.

Assim, trabalha-se na perspectiva de que as relações entre o trabalho e a saúde são indissociáveis, uma vez que ocorrem e se situam no âmbito individual e coletivo, micro e macro político, coerentes e contraditórias, conscientes e inconscientes, objetivas e subjetivas. Envolvem todos os agentes que circundam o ambiente organizacional.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHION, M. M. ET. AL. Vulnerabilidade ao estresse entre professores de uma universidade pública. Revista Enfermagem, UERJ, Rio de Janeiro - RJ, 2005.

BAPTISTA, M. N.; SOUZA, S. M. & ALVES, S. A.G. (2008). Evidências de validade entre a Escala de Depressão (EDEP), o BDI e o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF). *Psico USF*, 13(2), 2008.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edição 70, 2011.

BRUSEKE, F. J. Risco e Contingência. Os paradigmas da modernidade e sua contestação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1 ed. Florianópolis: Editora Insular, p. 69-80, 2006.

CÂMARA, R. H. *Análise de conteúdo: da teoria á pratica em pesquisas sociais aplicada as organizações*. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Revista Interinstitucional de Psicologia*; jul – dez; 179 – 191; 2013.

CANÇADO, T. C. L.; SOUZA, R. S.; CARDOSO, C. B. S. Trabalhando o conceito de vulnerabilidade social. XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, População, Governança e Bem-Estar. Universidade de Brasília, UNB. Brasília – DF, 2014.

CARLOTTO, M. S. *Síndrome de Burnout: o estresse ocupacional do professor*. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

CARLOTTO, M. S. ET AL. Intenção de abandono profissional entre professores: o papel dos estressores ocupacionais. *Revista Brasileira de Educação* , v 24, e240028, 2019.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. *Caderno Saúde Pública*, Ministério do Desenvolvimento Social, Brasília – DF, 2018.

CARVALHO, O. F. *Formação do docente da educação profissional e tecnológica no Brasil: Um diálogo com as Faculdades de Educação e o curso de Pedagogia*. *Revista educação e sociedade*, v 35, nº 128, Campinas – SP, 2018.

COSTA, M. L.; BERNARDES, A. G. *Produção de Saúde como Afirmação de Vida*. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 21, n. 4, p. 822-835, 2012.

DUBAR, C. *A construção de si pela atividade de trabalho: A socialização profissional*. *Cadernos de pesquisa*, v. 42. N 146, P. 351 – 367, São Paulo – Sp., 2012.

FARIA, G. S. S. RACHID, A; *Jornada de trabalho dos professores da rede pública de ensino*. *Revista F.A.E*, v.18, n 2, p. 162 – 177, Curitiba – PR, 2015.

MCSHANE, S. L. GLINOW, M. V. *Comportamento Organizacional: conhecimento emergente, realidade global*. Porto Alegre: editora AMGH, 2014.

OLIVEIRA, W. C. SILVA, F. G. *Alienação, Sofrimento e Adoecimento do professor na Educação Básica*. *Revista Labor*, nº13, v1, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, CID: burnout é um fenômeno ocupacional. OPAS, BRASIL, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO), 1946. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswwho.html>>. Acesso em: 18 maio 2019.

OSWALDO, Y. C. Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho, Coping, Depressão e Qualidade de Vida: Evidências de Validade. Universidade São Francisco, Itatiba, 2009.

PICADO, L. Ser professor: do mal-estar para o bem-estar docente. Psicologia.com.pt. 2009.

REIS, ET AL. Docência e Exaustão Emocional. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006.

RIOS, T. A. Professores: autores e atores nos dizeres da escola – a contribuição da reflexão filosófica. Perspectivas da Filosofia da Educação. São Paulo, 2011.

SANTOS, F. W. C. BARROS, L. M. B. O adoecimento psíquico do docente: um diálogo entre educação e psicologia. Práticas Investigativas na Educação Superior, Tiradentes – Mg, 2016.

SEGRE, M. FERRAZ, F. C. O conceito de Saúde, Revista de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo – SP, 538 – 42, 1997.

SILVA, R. M; GOULART, C. T. , GUIDO, L. A. Evolução Histórica do Conceito de Estresse. Revista Científica Sena Aires, p. 148 – 156, 2018.

SILVEIRA, K. A. et al. Estresse e Enfrentamento em Professores: Uma análise da Literatura. Educação em Revista, Belo Horizonte, p. 15 – 38, 2014.

SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2115-2122, 2009.

SANTOS, F. W. C.; BARROS, L. M. O adoecimento psíquico do docente: Um diálogo entre educação e Psicologia. UNIT – Práticas Investigativas na Educação Superior. 2011

SANTOS, L. A. M.; VIDAL, V. M. O estresse do professor: o estudo acerca da corporeidade em profissionais da educação básica. Revista Interespaço: revista de Geografia e Interdisciplinaridade. v. 3 n° 11, p. 280 – 303, dez, 2017.

TABELEÃO, V. P. ET AL. Qualidade de vida e esgotamento profissional entre docentes da rede pública de ensino médio e fundamental no sul do Brasil. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2401 – 2408; dez; 2011.



ZIBETTI, M. L. T; PEREIRA, S. R. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. Educar em Revista. N2, Curitiba – PR, 2010.

WEBER, V. et al. Ser professor: reflexões sobre a formação e à docência na Educação de Jovens e Adultos. Revista Educação, Universidade de São Carlos, v.11, São Paulo, SP. 2015.

